

Memórias do escritor prodigiosoJoana Pontes¹

I

Lembro-me de ser verão e de partir para o sul. Quando as aulas terminavam, apanhava um barco e depois o comboio, horas e horas que pareciam uma eternidade até chegar a Faro onde a Guida e a mãe dela estavam à minha espera. Íamos para Olhão. A casa onde viviam era de um só piso, caiada de branco, porta e janelas de madeira, um lugar fresco e familiar onde o verão parecia interminável.

Um dia, em setembro, era tempo de regressar a casa. Foi assim até entrar para a faculdade. A partir daí os verões tornaram-se mais pequenos e a vida apresentou-se de outras maneiras e com outros feitos.

Foi num destes verões que ouvi, pela primeira vez, palavras de Jorge de Sena ditas por um amigo que fazia um programa noturno na rádio em Faro. O que ouvi deixou-me numa espécie de alerta. Não sabia quem era o autor, nem sequer o meu amigo disse o seu nome, mas tão só que eu haveria de descobrir estas palavras quando fosse ocasião para isso.

Nessa altura eu lia muita poesia, tomava-a como um sinal de sinais, nela encontrava recados que me atingiam o coração, sem dó nem piedade. E vivia numa espécie de delírio que a poesia sempre alimentava. Os dias eram pequenos para o que sentia, o coração já não abarcava tudo...

*Falareis de nós como de um sonho.
Crepúsculo dourado. Frases calmas.
Gestos vagarosos. Música suave.
Pensamento arguto. Subtis sorrisos.
Paisagens deslizando na distância.
Éramos livres. Falávamos, sabíamos
e amávamos serena e docemente.*

*Uma angústia delida, melancólica,
sobre ela sonhareis.²*

...

As palavras ficaram no ar da noite já outonal e vieram comigo no regresso a casa.

Anos mais tarde, num aniversário, ofereceram-me um livro de poemas. Abri-o com curiosidade e lá estavam as palavras que procurava há muito sem saber que eram de Jorge de Sena.

¹ Cineasta e professora na Escola Superior de Comunicação Social, autora do filme *O Escritor Prodigioso* (cf. Lugares Virtuais).

² Excerto de “Ode para o Futuro” [in *Pedra Filosofal*, 1950].

P

II

Tenho na memória algumas imagens da autoestrada que liga Los Angeles a Santa Bárbara, três faixas de traçado suave em que todos os carros vão quase à mesma velocidade, 65 milhas por hora. É de manhã, está sol, o mar apresenta-se à esquerda, há poços de petróleo à vista, vejo no ar um helicóptero da polícia, estamos na América.

Lembro-me da chegada à casa em Santa Bárbara, último posto na vida do meu escritor. Aproximamo-nos devagar, olhos postos na estrada, num mapa e numa morada. Nessa altura, encontrávamos os nossos destinos de outras maneiras, com outros guias.

Já ouvira falar desta casa de família, onde viveram juntos Mécia e Jorge com nove filhos. E muito mais gente, estudantes e amigos, interessados e quase desconhecidos que se tornaram próximos, todos andaram por aqui, passaram neste lugar, uma casa sem muros, de um só piso, com um relvado à frente, o número 939 da Randolph Road.

D. Mécia está à nossa espera. Mulher baixa e magra, usa os cabelos brancos apanhados na nuca e, nesta altura, já passou os oitenta anos. Os olhos são muito escuros e exprimem-se à medida das palavras. Vive com o filho mais novo, o Nuno, que está prestes a casar. Abre-nos a porta e dá-nos a ver uma casa de livros, escritos e fotografias, de música, e apresenta-nos a grande cozinha que ocupa um lugar central na conversa e no convívio.

Foi uma aventura extraordinária. Ali estivemos, às vezes de manhã à noite, outras numa parte do dia, para dar descanso a essa mulher forte e firme que protegeu como ninguém a obra do seu escritor e amado companheiro.

Com uma generosidade que nunca esquecerei, foi-nos revelando a casa, os papéis, a vida do Jorge, a vida deles:

Sem ti, sabes como fico, como não sei viver, mesmo para as mínimas coisas, que todas vêm de ti, são por ti ou para ti. Saudades, sinto-as outra vez, e não são já iguais às que sentia dantes: tu me faltas, és uma parte de mim, que sempre o foi mas não como agora.

Muitos beijos, muito demorados e longos do teu

Jorge³

Na parte traseira da casa, D. Mécia mostra-nos um conjunto de armários metálicos. Com o seu consentimento, vou abrindo as gavetas e encontro milhares de cartas trocadas pelo escritor com os amigos, após sair de Portugal em 1959, na sequência do chamado golpe da Sé contra o regime de Salazar. Vai para o Brasil, depois para a América, vivendo um exílio atormentado que se prolonga até à sua morte na Califórnia. Espanta-me a arrumação dos papéis e das fotografias, a ordenação, o rigor com que tudo foi classificado, de modo a facilitar a consulta, a investigação e a publicação.

Encontro cartas com Saramago, Herberto Helder, Alexandre O'Neil, Sophia, Ramos Rosa, Eugénio Lisboa, José Augusto França, José Régio, Óscar Lopes, Eugénio de Andrade e muitos, muitos outros...

³ Carta de Jorge de Sena para Mécia, 10 de março de 1949.

...o que me salva são as cartas que me mandam e que, vindo dos amigos, logo me incitam a responder na primeira oportunidade (ou mesmo não a tendo).

*Jorge de Sena a Eduardo Lourenço*⁴

D. Mécia classificou, arquivou e dactilografou manuscritos numa velha máquina na qual passa todo o tempo que tem livre.

*Se eu viver depois de ti, querido, o que não desejo, a tua obra será para mim como uma bíblia para o mais fervoroso crente, e podes ter a certeza de que fica bem entregue.*⁵

Por vezes ficamos a vê-la, esquecida de nós, a bater nas teclas com rapidez, tomando notas a lápis num bloco. Desde 4 de julho de 1978, data da morte de Sena, que Mécia dedica o seu tempo à preservação, divulgação e publicação da obra, *a mais grata e cruel tarefa que jamais me foi dado cumprir.*⁶

A 2 de novembro, dia dos mortos, vamos com ela ao cemitério de Santa Bárbara, extenso campo relvado, aqui e ali algumas lápides simples à volta das quais há famílias reunidas. Lá estão os restos mortais do meu escritor, sepultado em campa rasa. Aqui morreu a 4 de julho de 1978 com cinquenta e oito anos de idade.

Ouvimos as conversas dos outros, as recordações, os risos, as lágrimas da saudade... Ficamos em silêncio.

Uns dias depois vamos visitar a missão franciscana de Santa Bárbara, conhecida como espanhola, uma das vinte e uma que existem na Califórnia. Impressionou-me a fachada da igreja, imponente mas austera, e recordei-me de uma fotografia a preto e branco do fotógrafo americano Ansel Adams onde se vê este belo edifício que convida ao retiro. O meu escritor vinha aqui com frequência para estar em silêncio. Imaginei-o a passear pelas arcadas que rodeiam o maravilhoso jardim, devagar, um homem alto, magro, com óculos e um olhar intenso, como os que o conheceram o despreveram. Vou levar uma lembrança deste lugar reservado e tranquilo e compro um sino que ainda está na minha árvore de natal. Mais tarde hei de jurar ao meu amor que um dia viremos fazer este itinerário das missões, daqui até São Francisco.

Um dia, à tarde, fomos à praia ver o mar, meditar à beira do Pacífico e ler os belíssimos poemas escritos por Jorge cinco anos antes da sua morte, talvez o seu testamento poético.

⁴ 13 de março de 1976.

⁵ Carta de Mécia a Jorge de Sena, 18 de setembro de 1948.

⁶ Conversa gravada com Joana Pontes.

P

...

Aqui é um outro oceano.

Um outro tempo.

Miro dois vultos na silente praia

pousada rente à escarpa recortada abrupta

que só trechos de areia lhe consente:

dois corpos lado a lado como espadas frias.

Ainda que desça a perpassar recantos

onde se acolherão mais corpos nus,

é um outro oceano, um outro tempo em outro

diverso em gente organizado mundo.⁷

No final desse dia passado a ver o mar, apareceu o António Cirurgião, seu aluno muitos anos antes, agora professor de Estudos Portugueses numa universidade americana. Sentámo-nos na praia e foi longa a conversa que nos trouxe um outro homem, o homem professor, apaixonado pelo ensino, orgulhoso da sua inigualável erudição, como confirmando o que Eduardo Lourenço me disse mais tarde sobre ele, um homem que queria a máxima ambição para si próprio e para a língua portuguesa, um homem que deveria dar o nome à sua geração, geração Jorge de Sena...

Já noite, na casa e de volta do piano, o António e a D. Mécia tocaram, cantaram e recordaram com prazer outros tempos, descrevendo as tardes em que durante a greve dos estudantes no Wisconsin o Jorge levava os alunos para casa para que não estivessem sem aulas mas também não furassem a greve ficando na conversa até tarde, à frente de um *cafezinho* que ela fazia com gosto.

Antes do regresso fomos à universidade, um extenso campus junto ao mar. Jorge de Sena ali deu aulas e dirigiu o departamento de estudos portugueses e hispânicos. Foi com alguma surpresa que nos confrontámos com a ausência de sinais que traçassem um rasto da sua passagem por ali. Encontrámos esses caminhos sinalizados noutros departamentos que orgulhosamente ostentavam uma linhagem de professores.

Neste caso, nada. Um gabinete quase nu, ocupado agora pela professora que dava aulas de português, a leitora, como se nomeava a sua função. Nada de relevante, portanto. À boa maneira portuguesa, como mais tarde me disse o Fernando Lemos, se alguém em Portugal tem cinco milímetros a mais, é mandar cortar...

III

Estou na Livraria Ler Devagar, ainda a fúria imobiliária não se abatera sobre o Bairro Alto. Ponho ao meu gosto duas cadeiras para conversar com Helder Macedo sobre o Camões de Sena. O professor fala-me de Londres e das suas visitas, da sua grandeza e da gente pequena que o afrontava.

No dia seguinte, subo uns lances de escadas para ir ter com José-Augusto França, um homem elegante e educado que vive no centro de Lisboa. Passamos algum tempo a dispor as cadeiras para a con-

⁷ “Sobre esta Praia... Oito Meditações à Beira do Pacífico” (excerto).

versa. Queríamos que fosse junto à ampla janela que nos dava uma maravilhosa vista da cidade mas isso levantava complicados problemas de iluminação. Falámos de amargura, de exílio e da impossibilidade do regresso do meu escritor.

A seguir estou na biblioteca da Fundação Gulbenkian, dispondo dois cadeirões para que Fernando Lemos me conte a história de um país que se condicionou a ser pequeno, a pensar pequeno, a odiar o que saísse de uma habitualidade morna...

Fernando Lemos é uma personagem arguta que se exprime com fina ironia. Havemos de ir jantar todos com Beatriz, a mulher que amava e que o acompanhou a Lisboa. E havemos de nos escrever durante muito tempo.

Eduardo Lourenço ficará para um dia à tarde no átrio da Fundação. Tento deslocar para perto um do outro dois pesados sofás para que nos possamos ouvir e conversar deixando o jardim à vista por detrás dos vidros. Fala-me da sua geração e da inveja que tudo esteriliza e arrasa.

Uns dias depois vou buscar Saramago ao hotel onde ficava sempre que vinha a Lisboa. Vamos à casa da família Sena no bairro do Restelo, em Lisboa. É uma casa com livros e sofás, modesta e pouco habitada. Temos uma conversa, para mim inesperada e rica, sobre o ambiente literário português. Fala-me dos prémios que Sena nunca recebeu, pelos motivos mais insólitos, em regra afastados da literatura.

No último dia vou à Cinemateca e instalo-me no gabinete do João Bénard da Costa, um espaço luminoso e caótico, com livros, papéis e cinzeiros, espalhados um pouco por todo o lado. Faço algumas perguntas e Bénard responde sem rodeios, fumando sem parar. Saio atordoada pelas histórias que ouvi, de maldade e mesquinhez. Fica respondida a minha questão de partida: por que é que este homem, o meu escritor, nunca regressou a Portugal, vivendo num amargurado exílio em que se sentiu não reconhecido, não estimado e não desejado?

Porque ninguém o queria cá, disse-me Bénard sem hesitar.

(O) Livro que publiquei cai num poço de silêncio e de indiferença, de onde apenas se ouve às vezes um vago clamor admirativo e inexpresso. A luta com os editores, para os quais não sou suficientemente seja o que for, é um cansaço e uma angústia constantes...

Carta de Jorge de Sena a Eduardo Lourenço⁸

O meu filme está terminado. No final desta longa viagem trago comigo o seu radicalismo ético e autêntico humanismo e a profundidade do seu discurso. Fiquei com a certeza de que, à semelhança de *O Físico Prodigioso*, nas suas palavras, a mais autobiográfica das suas criações, Sena viveu inteiro, *sustentado pela força do amor que tudo manda, e pelo ímpeto da liberdade que tudo arrasa*.

O que deixou escrito enriqueceu a minha vida e, estou segura, a dos seus leitores.

Joana Pontes, 26.12.20

⁸ 8 de junho de 1967.

Indicações editoriais para o envio de textos

Os editores aceitam o envio de originais dentro da linha editorial da revista Palavras, quer para a secção de Pedagogia/Didática, quer para a de Estudos Linguísticos, de Estudos Literários ou das Fichas Pedagógicas. Encorajam os autores a submeterem os textos sob a forma de ficheiro anexo a uma mensagem de correio enviada para aprofport@app.pt.

Os autores são responsáveis pelo conteúdo dos textos e pela exatidão de todas as citações, títulos, nomes e datas.

Os editores encorajam fortemente os autores a fazerem uso das seguintes normas:

- numerar todas as notas de rodapé ao longo do texto;
- evitar a utilização de negritos e sublinhados sempre que possível, substituindo-os por itálicos;
- incluir uma bibliografia de todas as obras citadas e de outras que sejam pertinentes para se aprofundar o estudo do assunto tratado;
- indicar ao longo do texto as obras citadas na bibliografia no formato (Apelido: data, página);
- traduzir todos os textos citados, de preferência utilizando a tradução ao longo do artigo e reservando as notas de rodapé para citar o original;
- reproduzir imagens no corpo do texto apenas se elas forem da autoria do responsável pelo texto ou, não o sendo, se for apresentada a autorização do autor de acordo com o estabelecido pelo regime de direitos de autor;
- citar sempre as fontes originais e indicar em *apud* todas as citações indiretas.

A bibliografia deve adotar o formato a seguir exemplificado:

Aristóteles. *Poética*, trad. de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.

Curtius, Ernst Robert (1948). *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*, Berna: A. Francke AG Verlag. Trad. de Margit F. Alatorre e António Alatorre, *Literatura europea y Edad Media Latina*, Madrid: Ed. F.C.E. España, 1984.

Duarte, Inês (1977). "Ensinar Português: para quê e como?". In *Palavras*, 11, Lisboa: Associação de Professores de Português, pp. 66-74.

Frota, Sónia (1999). "Questões de associação e alinhamento tonal: implicações para uma teoria da entoação". In Castro, Rui V. e Pilar Barbosa (orgs.). *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, vol. 1, pp. 513-532.

Mateus, Maria Helena Mira *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

Nespor, Marina e Irene Vogel (1986). *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.

Sainte-Beuve, C. A. (1862). "Chateaubriand". In A. Schinz (ed.). *Nineteenth Century French Readings*. New York: Holt, 1955, vol. 2, pp. 16-22.

Saramago, José (1994). *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho, 46.^a edição, 2009.

A revista não paga a publicação dos artigos, mas oferece uma assinatura anual (dois números) aos respetivos autores.